

Ana Cássia Rebelo

Ana de Amsterdam

Seleccção e prefácio de João Pedro George

 QUETZAL língua comum

Prefácio

ANA CÁSSIA REBELO trabalha das nove às cinco e meia da tarde, como jurista, em Lisboa, numa instituição pública. Às cinco e meia da tarde inicia o segundo turno – cuidar dos filhos –, que se prolonga até por volta das onze da noite: dar banhos, ajudar com os deveres da escola, fazer o jantar. No dia seguinte, de manhã cedo, prepara-lhes o pequeno-almoço, leva-os à escola, regressa ao trabalho. Assim dia a dia, hora a hora, minuto a minuto. A Madalena, o João e o Joaquim são a sua prioridade, a eles se dedica sem restrições e a eles se sacrifica inteiramente, com infinita disponibilidade e amor. Os filhos são os pontos de apoio que lhe regem a existência, é maravilhoso que existam, sente-se feliz quando os tem a seu lado, nada lhe dá mais força; a profissão, por outro lado, garante-lhe a subsistência, permite-lhe aplicar o diploma de licenciada em Direito pela Universidade Católica e dá-lhe um sentido prático da realidade.

Por vezes, mais do que seria saudável, tudo isso resulta em insatisfação. Sente que a rotina dos dias iguais e os tédios do emprego formam uma circunferência em torno de si, que a cercam dentro de muralhas. Nessas alturas, apetece-lhe fugir, descarrilar, não possuir eira nem beira, conhecer outra gente, ter outro trabalho, converter-se noutra pessoa, sentir a vertigem das

mudanças bruscas. Com os anos, caiu numa tristeza crónica, e o negro estado de espírito transformou-se numa característica permanente. Como se isso não fosse suficiente, matou-lhe o prazer sexual: a nudez masculina agitando-se convulsivamente por cima do seu corpo causa-lhe estranheza, sente-se invadida por uma sensação de desconforto face ao que está a acontecer e não consegue ter orgasmos. De noite não dorme, ou dorme mal e acorda de madrugada para comer compulsivamente e fumar cigarro atrás de cigarro. Perseguida pela depressão, prisioneira da frigidez, torturada pela insónia, pelo muito longo momento que é a insónia, o fundo da noite traz-lhe desassossego e infelicidade.

Quando o casamento se tornou incuravelmente tóxico, Ana descobriu que a escrita a ajudava a integrar toda essa dimensão obscura, intrínseca à sua personalidade; a organizar as particularidades da existência e a definir uma atitude para com o mundo, ou um ponto de vista sobre a vida, em suma, a encontrar uma espécie de equilíbrio (sobretudo quando se sentia próxima da aresta do abismo). Graças a isso, porventura, conseguiu reunir forças para se libertar das algemas conjugais. Quase de seguida, ao que é de supor, as privações aumentaram e o quotidiano estrangulador tornou-se ainda mais opressivo. Felizmente, a faísca da escrita não se apagou, e a Ana, por sua conta e risco, entregue a si própria, continuou a escrever. Assim que a casa sossega, ultrapassada a barreira dos afazeres domésticos, livre dos protestos e da tirania dos filhos, Ana Cássia Rebelo senta-se em frente do computador e escreve.

Hoje, mais do que nunca, a escrita serve-lhe para salvar a individualidade e vencer os períodos de depressão, combater o isolamento nocturno, explorar a ambivalência das emoções e a incoerência das fantasias, para libertar o desejo de

evasão e enfrentar as forças da rotina e as ocupações da maternidade. A escrita não substitui o Xanax nem o Cipralex, mas ajuda a esquecer, por instantes, a dor, a reclusão doméstica, a vitalidade diminuída; dá-lhe energias para tomar conta, sozinha, da fornada de filhos. Dividida entre o lar, com tudo o que ele tem de reconfortante e matricial, com tudo o que ele tem, também, de opressor e asfixiante, e a atracção pela vida aventureira, em movimento, sem compromissos nem horários fixos, uma vida lúdica, alegre e animada, com tudo o que ela tem, também, de inseguro e perigoso, Ana interpreta a condição de muitas mulheres que coabitam com a frustração, asfixiadas pela casa, pelos filhos, pelo trabalho, pela falta de apoio. Noutras palavras: pelos preceitos do repugnante machismo, que impede as mulheres de admitirem publicamente que os filhos lhes esmagam as ambições, as capacidades, as forças realizadoras, e as impossibilitam de desenvolverem plenamente as múltiplas facetas da sua personalidade; pela práxis estabelecida, que diz que a mulher deve ser recatada, deve sujeitar-se ao decoro e circunscrever-se à lógica do coração e dos sentimentos; do pudor tradicional, que castiga as mulheres que confessam gozo sexual, indolência, frigidez, tristeza crónica, rotulando-as de grosseiras, indecentes, deselegantes, umas galdérias (se alguns destes textos chocarem a moralidade convencional, diga-se, desde já, bendita seja), e considerando-as inquietantes e irresponsáveis, sem textura moral, um foco de instabilidade e uma ameaça à educação dos jovens.

Atrás deste livro está uma mulher cheia de falhas, que se expõe cruamente, não raro com uma certa dose de autoflagelação (o menoscabo de si próprio, como alguém disse, é uma forma de grandeza), uma mãe que deu mil voltas ao seu interior e tem a coragem de nos revelar espontaneamente (sem literatices,

sem culto da dor, sem explicações pomposas) o seu inferno íntimo e o que de mais secreto ele tem. Como num processo de regressão, ou de regresso à matriz, Ana Cássia Rebelo desce às suas profundezas e escuridões, vasculha algures na infância, na adolescência e na memória da família, uma sublimidade redentora e, através das técnicas de ajustamento constitutivas da escrita, encontra algum conforto e calor. Orgulhosa das suas raízes alentejanas (São Bartolomeu da Serra, do lado materno) e indianas (aldeia de Maina, Goa, do lado paterno), os seus textos são um emaranhado de autobiografia e ficção, onde transitam elaborações fantasmáticas do passado; descrições das férias no Alentejo e em Goa; relatos do convívio, no bom e no mau, com os filhos; fotografias indiscretas da sua intimidade; imagens do próprio corpo, do repugnante do corpo, nas suas manifestações e expansões (os fluidos, os odores, as doenças).

Mas o sentido agudo da observação da Ana Cássia Rebelo não se limita a registar o espectro da líbido disfuncional, as bulimias nocturnas, os mergulhos no inconsciente, as cóleras, inquietações, tormentos, fadigas. Também as emanações das ruas, o exercício da convivência, a vida das relações, as pequenas e irrelevantes peculiaridades das pessoas, a oculta idiosincrasia dos seres humanos com quem se cruza nas viagens de comboio a caminho do trabalho, nas horas de almoço ou nos cafés merecem ser representados. São miniaturas da vida social onde o vulgar e o banal são mostrados exactamente como parecem, talvez porque isso os torna mais complexos e difíceis de interpretar; onde o ridículo e o grotesco, o pérfido e o torpe, o imundo, o feio, o mau surgem como fios condutores que unificam toda essa realidade fragmentária, umas vezes por inveja da aparente felicidade das vidas simples ou modestas (numa

mistura de fascínio complexado e soberba intelectual), outras por ácida e corrosiva misantropia.

Tirar dos aspectos supostamente menos nobres, ou mais triviais, motivos de literatura está longe de ser uma novidade. Assim é. Mas que importa quando estes textos dão mostras de uma percepção invulgar da psicologia humana e uma invejável habilidade para captar o pormenor significativo? Quando neles descobrimos ideias que revelam lados nossos ainda desconhecidos e desmentem algumas das nossas leituras anteriores da realidade? Além doutras coisas, como a dolente atmosfera, que nos liga a um nível superior da irrealidade quotidiana, ou a conjugação entre a recusa dos valores estabelecidos e a aceitação da realidade tal como ela se nos apresenta, demonstrando-nos perversamente que não se trata de posturas contraditórias. A par disso, estes textos manifestam emoções complexas e intensas colhidas em primeira mão, sem o recurso a sentimentos feitos ou a fátuas reflexões sobre o divino e o humano (e estão escritos, salvo melhor juízo, numa prosa cristalina).

Descobri os textos da Ana Cássia Rebelo há meia dúzia de anos, na Internet, e achei-lhes logo um sabor diferente, senti que neles palpitava uma grande escritora, uma radiação nova na literatura portuguesa. De então para cá, passei a lê-la com uma reverência que reservo aos poucos escritores portugueses contemporâneos que se dedicam a essa coisa antiga que é escrever em bom português e que, ao mesmo tempo, gozam do privilégio de serem legíveis. Este livro, confesso-vos, vem concretizar uma velha aspiração minha, a mesma que me levou a escrever-lhe, em tempos, uma mensagem que dizia, se a memória me é fiel, o seguinte: «Fosse eu editor e não hesitaria em convidá-la para publicar alguns dos seus textos.» Esse ensejo chegou agora, passados uns cinco ou seis anos, quando a Ana

Cássia Rebelo aceitou finalmente que eu fizesse uma selecção de textos – dispostos por ordem cronológica (os títulos originais que constavam do blogue foram excluídos) para recuperar o formato de diário pessoal – e lhes juntasse um prefácio que chamasse a atenção para a envergadura do seu talento, para o valor literário deste imenso solilóquio sobre a solidão e a condição de uma personalidade pouco frequente na literatura portuguesa.

João Pedro George



2006-06-29

É HOJE A CONSULTA COM O NOVO PSIQUIATRA. Embirro com psiquiatras, psicólogos e afins. Vai ouvir-me falar durante meia dúzia de minutos. Vou ter de resumir a minha tristeza e solidão em frases contidas, curtas, concisas. Ainda não sei se lhe hei-de falar da frigidez. Não é fácil confessar-me assim, feita de gelo. Depois de me ouvir, o senhor doutor vai dizer que estou com uma depressão profunda. Que novidade... Se calhar até vai dizer que não sou frígida coisa nenhuma, que em mim há apenas uma diminuição da libido provocada pelo estado depressivo, pela astenia física e psicológica. Em seguida, vai preencher o diário terapêutico com os medicamentos que me tratarão. Há-de lá pôr o Ciprallex, o Xanax e outros medicamentos que conheço tão bem. Também me receitará um laxante. Toda a gente sabe que ansiolíticos e antidepressivos provocam obstipação feroz e de difícil alívio. Com sorte, durante a consulta, em vez do ar pesaroso, talvez faça um ar descontraído para desdramatizar a situação. No final, à despedida, aconselhar-me-á uma lista de terapeutas que deitarei no primeiro caixote do lixo que encontrar.

2006-07-13

É VIZINHO DOS MEUS PAIS. Um goês bonito, oftalmologista de profissão, de cabelos grisalhos. Tem a delicadeza e a beleza das porcelanas antigas. Uma beleza quase translúcida de tão fina. Casou com uma espanhola de Madrid, com quem teve dois filhos. Poucos anos depois, a espanhola fartou-se e partiu para Espanha, levando consigo a prole. Ficou sozinho, assistido por uma irmã, muito chata, especialista em intermináveis litanias sobre as agruras da vida e os padecimentos do corpo. Passei anos a vê-lo sair no seu Fiat Clio em direcção a destinos incertos. Ao contrário do meu pai, afastou-se durante muito tempo da Índia. Só há meia dúzia de anos voltou a casa. E, então, deslumbrou-se, assim como se tivesse descoberto uma parte de si desconhecida. Passou a ir todos os anos, geralmente na mesma altura em que os meus pais vão. Arrendou um apartamento em Margão que a minha mãe descreve com displicência: «Para lá se entrar tem de se passar por um corredor escuro cheio de cães vadios! É um horror! Tu, Ana, não eras capaz de passar por aquele sítio.» Quando por lá está, vai visitar os meus pais a Maina. Espreguiça-se no alpendre da casa onde nasceu o meu pai. Olha o quintal e os campos verdes onde pastam vacas e búfalos. Sente-se feliz. Sempre que me encontra desafia-me a ir à Índia. Desculpo-me com os miúdos e entristeço.

De há uns meses para cá, o oftalmologista passou a visitar regularmente o meu pai. Sem aviso prévio, mete-se no elevador e desce do sétimo até ao terceiro andar. Traz uma taça de amendoins cozidos em água e sal. Sentam-se nas poltronas da sala. Bebem whiskies cheios de gelo e água gaseificada. Fala, feliz por ter quem o oiça. O meu pai escuta-o e, com paciência, tenta argumentar contra as teorias que inventa para explicar

o mundo. Estão nisto a noite toda. A minha mãe é que não gosta muito. Sente-se na obrigação de lhes fazer companhia. Prepara chutney de coentros e frita paparis. Acompanha tudo com sorrisos falsos. Hoje, quando lhe fui deixar a Madalena e me espantei por ainda estar deitada, piscou os olhos e gritou: «O Dr. Estrócio saiu eram quase três da manhã!» E enfiou de novo a cabeça debaixo dos lençóis, furiosa com o meu pai. A minha mãe não percebe que a Índia faz parte de nós, do meu pai, de mim, dos meus filhos, dos meus irmãos, dela própria. Tem permissão para entrar, quando quiser, como quiser, por onde quiser, nas nossas vidas. Através das imagens ferozes dos comboios que explodiram em Bombaim, mas também através do vizinho solitário que mora no sétimo andar.

2006-08-02

FUMANDO CHARUTO E RETORCENDO O BIGODE, o senhor doutor fez finalmente o diagnóstico. Tenho uma depressão reactiva. Aparentemente, não é tão grave como eu pensava. Tem um ar queirosiano, o senhor doutor. Há nele uma certa afectação, uma certa sofisticação, que me faz lembrar o Carlos da Maia. Gosto dele e, no entanto, só diz as banalidades que conheço de trás para a frente. Manteve a mesma medicação. Despediu-se com um abraço e um beijinho. Saí para a rua com um nó na garganta. Era tarde, quase onze horas. Desci a avenida a pensar nas palavras que me disse. Depressão reactiva. Explosão. Implosão. Agressividade. Figura masculina. Identificação. Quando cheguei perto do antigo cinema Condes já ia lavada em lágrimas.

Soube-me bem chorar. Há tanto tempo que não chorava... Um grupo de adolescentes estrangeiros falava alto. Uma miscelânea de traços: negros, asiáticos, europeus. Deviam ser americanos, tinham a segurança própria dos americanos. Continuei a descer a avenida até ao teatro. Um homem negro falava ao telefone, encostado a uma das colunas que dão para o Rossio. Soltava gargalhadas sonoras. Ficaram a ecoar nas arcadas como bichos nocturnos.

2006-08-04

COMPREI UMAS BIRKENSTOCK VERMELHAS. Com elas calçadas sinto-me uma Helga ou uma Petra. Com as Birkenstock, os anti-depressivos, os ansiolíticos, o Fidel moribundo, os contos de Púchkin e Gogol (deu-me para os russos, como escrevem bem!), estou preparada para passar três semanas de férias em família, três semanas a dormir na mesma cama que o meu marido, três semanas a fugir-lhe noite após noite. É bastante cansativo. Acabo as férias exausta de tanto lhe fugir. Já lhe expliquei que, apesar de irmos juntos de férias, está proibido de me tocar. Já sei que vai fazer ouvidos de mercador e entumecer amiúde. As Birkenstock vermelhas servirão não só para dar descanso aos meus pés mas também para lhas atirar à cara quando se armar em esposo amantíssimo.

2006-08-31

HOJE, NO METRO, TOPEI COM UMA RAPARIGA NEGRA. Uma miúda típica dos subúrbios, com o cheiro de bairro social entranhado na pele. Feia, a pele manchada, o cabelo mal alisado, teso como se tivesse goma. Usava umas calças de cintura descaída que deixavam a descoberto uma barriga flácida e uma camisolinha de licra, de alças finas, muito justa ao corpo. Pelo decote saltavam umas mamas cor de ébano, grandes, empinadas, rígidas, túmidas. Pareciam seres vivos, com vontade própria. Parecia que não tinha sido a rapariga a escolher mostrar as mamas, mas sim as mamas que tinham decidido mostrar-se, ordenando ao corpo que as levasse para a rua. Fiquei estupefacta. Eram dignas de se ver, aquelas mamas.

2006-09-04

PELA MANHÃ, na secretaria do colégio da Madalena, enquanto aguardava que a irmã Estela me atendesse, fixei um quadro enorme com os dez mandamentos bordados a linha dourada. Atentei no sexto mandamento: guardar castidade nos pensamentos e nas obras. Li e reli. Desde pequena que os meus pensamentos são tudo menos castos. Aos oito anos já me masturbava a pensar em mamas e rabos. Por volta dos doze roubava as revistas pornográficas que o meu irmão escondia por baixo do colchão, muito pouco castas, e folheava-as avidamente. Depois foi a adolescência. E depois o resto. Porém, nos últimos anos, a castidade deu conta dos meus actos e pensamentos.